

# CARTA DO POVO TREMEMBÉ

Fotos: Marcos Guêherme

Comunidade da Varjota  
Aldeamento da Almofala - Itarema - Ceará  
Nordeste do Brasil

Torém: dança Tremembé



Vamos contar nossa história. História da nossa comunidade. Somos 61 famílias. Somos Tremembé. Vivemos numa terra que foi onde nossos pais, nossos avós se criaram e criaram nós. Sem conhecer patrão. Somos donos da terra. Somos família indígena. Essa terra é dos índios. É terra do aldeamento da Almofala, município de Itarema. A 60 léguas de distância de Fortaleza, Ceará. Desde 1980 a gente vem sendo oprimido por uma firma DUCOCO que queria expulsar nós desse local. E nós pedimos ajuda dos homens de lá mas não deram condição para nós. Primeiro o padre que é dono da paróquia. Mas ele juntou-se com a firma Ducoco e não deu apoio a nós. Nós se agrupou e fomos enfrentar. Vendo grande conflito em nosso meio, não de morte, mas de ameaça, até que conseguimos fazer o usucapião coletivo, com apoio da Diocese de Itapipoca e do nosso advogado.

Perdemos uma parte dessa terra. Ficamos com pouca terra, uns 300 hectares. Nossa profissão é agricultura, é trabalhar na roça. Usamos também de uma pesca no rio Mirim que passa por dentro do aldeamento. E rio-mar. Vivemos trabalhando em grupo, junto. Tem o

trabalho dos homens, na roça, e das mulheres no algodão e palha de carnaúba. Fiando, tecendo rede de dormir, cesto, chapéu. Diversos trabalhos se faz com a palha de carnaúba desde os tempos dos nossos antepassados. As decisões são iguais, apoiados uns com os outros. Trabalhamos todos num sentido, numa combinação. Só faz um trabalho se for combinado uns com os outros. Nos trabalhos, nas festas, nos problemas, em todos nossos compromissos.

Depois que nós conseguimos arranjar garantia desse localzinho, apareceu outros e outros conflitos vizinhos. Feito por essa mesma firma e por outros latifundiários. Aí a gente trabalhou junto com os parentes sofridos incentivando eles para conseguir a libertação e hoje estão com uma garantia qualquer. Já são quatro áreas de terra desapropriada pelo INCRA, agrupada pela nossa luta. Fundamos um Sindicato de Trabalhadores Rurais no Itarema, quando se emancipou do Acaraú, 19 1985. Foi escolhido em cada localidade das áreas um representante para a diretoria. A gente precisa de uma união mais segura no nosso meio para fortalecer os nossos direitos.

A FUNAI andou nas áreas indíge-

nas de Almofala no ano de 1986, duas vezes. Mas não resolveu problema nenhum. Apenas não prometeram nada. Fazendo pesquisa. Na segunda vez ofereceram coisas que não dava para nós: prédio escolar e outras e outras coisas que não interessava. Não se tinha a terra. Só nós da Varjota vivemos no terreno mais descansado. Os outros vivem espalhados, cada família num pedacinho. Não vivem agrupados porque tem patrão. Não conseguem a união entre eles. Têm vontade de viver agrupados mas o povo maior já ocupou a terra e agora está difícil. Ninguém aceitou os projetos da FUNAI sem a terra resolvida e aí ela não apareceu mais.

Sentimos dificuldade de sobreviver dos trabalhos de roça porque até pouco tempo nós não tinha cercado nossa terra, para trabalhar nela e se defender dos ataques, porque ainda sofremos muitos ataques, muita ameaça da parte da firma Ducoco. Mas a gente resolveu cercar a terra e conseguimos com algumas ajudas e o nosso esforço tudo junto. Já estamos trabalhando nela. Estamos discutindo a forma de trabalhar, para que a comunidade cresça junto sem diferença.

Varjota, Setembro de 1989.

# OS ÍNDIOS TREMEMBÉ

Ao averiguar algumas fontes de dados etno-históricos (por exemplo IBGE, 1972; Metraux, 1946; Nimuendaju, 1981; Pompeu Sobrinho, 1951; Seraine, 1955) descobriremos que os primeiros contatos entre os índios Tremembé e portugueses ou franceses, sejam missionários, colonos ou comerciantes, ocorreram desde o princípio da colonização portuguesa no Brasil. As referências são mais precisas no que tange aos séculos XVII e XVIII, mais especificamente à constituição de aldeamentos missionários.

Os Tremembé ocupavam a faixa litorânea que vem desde o Maranhão até o litoral norte da antiga província do Ceará, onde hoje se localizam os municípios de Acaraú e Itarema.

A prática do aldeamento indígena estabeleceu algumas missões que serviam ao "recrutamento" e conversão dos Tremembé, como é o caso do aldeamento missionário de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, constituído no princípio do século XVIII, pelo que se sabe na ordem do Padre José Borges de Novais, no ano de 1702. Esse aldeamento tornou-se núcleo de destaque na atuação religiosa e política dos portugueses quanto aos Tremembé, no que pode ser confirmado pela construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que foi tombada pelo



*A luta das mulheres Tremembé*



*Verônica fiando algodão*

SPHAN - Pró-Memória em 1984. Essa igreja é um dos monumentos de referência para os índios Tremembé que vivem hoje no município de Itarema, pois serve como símbolo da relação com esse passado e com o que ele representa nos dias atuais.

Os aldeamentos missionários eram formados a partir da concessão de sesmarias aos grupos étnicos que visavam a catequizar. Foi o que aconteceu com os Tremembé e o aldeamento de Nossa Senhora da Conceição, por isso, hoje em dia, eles se dizem filhos legítimos da "Terra da Santa", da "Terra do Aldeamento", que é a maneira característica de se remeterem à uma origem comum e mostrarem o seu direito à terra onde nasceram e se criaram.

Apesar dos Tremembé não terem conseguido manter sua língua de origem, ainda hoje encontramos um vasto universo simbólico e cultural que os relaciona com seus antepassados. É o caso do tórém, que é uma dança mimética a respeito de animais e frutos nativos encontrados pelos índios, por exemplo o caju, a tainha, o guaxinim, e que possui uma série de versos e refrões musicais que apresentam vocábulos de origem indígena, sobretudo particularizando cada ser encontrado ou visto pelos Tremembé. Além disso, existem diversas histórias como a "Lagoa da Criminosa" ou da "Santa de ouro" que são contadas nas comunidades, entre os amigos e parentes. Percebe-se claramente a força que tem a tradição oral entre eles e que são sinais diacríticos inconfundíveis para aqueles que os conhecem. Essas histórias são de grande importância na compreensão da situação étnica dos Tremembé.



dança Tremembé

No ano de 1986, uma equipe da FUNAI – Fundação Nacional do Índio – visitou a região de Almofala e escreveu relatório de atividades, onde contabiliza 3061 Tremembé (FUNAI: 86, TIB, 1987). Mas o fotógrafo Marcos Guilherme, que realiza pesquisa e atividade fotográfica entre eles, há mais de 10 anos, procedeu a um levantamento populacional em 1984 e considerou a presença de 4441 Tremembé, porém não chegando a recensar todas as áreas de distribuição da população indígena. Desse modo, pode-se ver a amplitude populacional das pessoas que se auto-atribuem como Tremembé, residindo pela região.

Eles ocupam a faixa litorânea do distrito da Almofala e outras localidades para o interior, mas sabe-se que existem comunidades Tremembé também noutras áreas do município de Itarema, que não foram levantadas no período de visita da equipe do órgão indigenista do Estado. Esses fatos chocam-se com o próprio Plano de Metas da FUNAI (1987) que incluía o prosseguimento do "caso Tremembé" como um de seus objetivos para aquele ano.

Sobretudo, vale advertir que eles vêm sendo expulsos de suas terras já há muito tempo, como é o caso de inúmeras famílias que moravam nas localidades da Lagoa Seca, Passagem Rasa, Batedeira e Taperinha, estas duas na margem direita do Rio Aracati-Mirim. Inclusive, essas expulsões vêm ocorrendo através de ostensivo e progressivo cerceamento das terras, impedindo qualquer controle por parte dos próprios Tremembé que ali viviam.

Os Tremembé vêm sendo até ameaçados de morte, como é o caso do atual

Cacique que recebeu uma carta que colocava em perigo sua própria vida, se ele organizasse outra vez a cerimônia do Torém, que é um dos símbolos característicos da tradição cultural Tremembé.

À custa disso, os Tremembé vêm tentando salvaguardar seus direitos à terra, como foi o caso da comunidade da Varjota que entrou na justiça alegando o direito ao usucapião coletivo de 387 ha, onde podem pescar, cultivar e criar para seu próprio consumo. O processo jurídico da comunidade visava a contestar os direitos atribuídos pela empresa agro-industrial Ducôco que se implantou na região no início da década de 80 e quia expulsá-los de suas terras.

Essa ação judicial e a atividade política mais recente dos Tremembé da Varjota contribuíram para a formação até do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itarema, que possui grande número de filiados de origem étnica Tremembé, os quais perceberam o sindicato como um dos lugares por onde poderiam defender o direito à terra que herdaram de seus antepassados. Esse direito é reconhecido também pelas comunidades camponesas que vivem no município de Itarema, próximas das localidades onde residem os Tremembé. Inclusive, o atual presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itarema e um de seus diretores são reconhecidos e se atribuem Tremembé.



homens tecendo esteira de cipó

A participação política se vem fazendo também nos encontros regionais entre diversas etnias do Nordeste, que vêm sendo promovido pelo CIMI-NE – Conselho Indigenista Missionário, região Nordeste – de grande valor para a comunicação e a troca de experiências entre os grupos étnicos e da situação que cada comunidade particularmente passa.

O CIMI – na pessoa de seus missionários – atua com bastante vigor e decisivamente a favor da resistência cultural e social dos Tremembé, incentivando a auto-afirmação étnica que é muito estigmatizada por aqueles que não reconhecem os direitos dos índios Tremembé. Sem dúvida nenhuma, têm papel profícuo na defesa cultural desse grupo étnico.

A Comissão Pastoral da Terra, CPT, da Diocese de Itapipoca, se destaca também por estar ajudando na organização comunitária a partir da atividade das CEBs – Comunidades Eclesiais de Base, desde o início estimulando as coletividades em se organizarem internamente em prol da luta pelos direitos sociais.

Apesar da visita da equipe da FUNAI, ainda não houve qualquer resultado quanto ao processo de identificação e regularização da área indígena Tremembé. A FUNAI não conseguiu mostrar até o momento qualquer atitude mais decisiva na regularização da área indígena Tremembé, exemplo típico do seu mau funcionamento administrativo.



salga de peixe Sardinha



Igreja de N. Sra. da  
Conceição de Almosala

#### BIOGRAFIA

- CEDI/PETI/MUSEU NACIONAL. – TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. São Paulo, CEDI, 1987.
- CORDEIRO, José – Os Índios no Ceará, massacre e resistência. Fortaleza, Hoje: Assessoria em Educação, 1989.
- IBGE – Sinopse ESTATÍSTICA DO MUNICÍPIO DE ACARAÚ. CEARÁ. Rio de Janeiro, IBGE, 1972.
- METRAUX, Alfred – "The TREMEMBÉ", in Handbook of South American Indians, Vol. 1, Julian H. Steward (ed.) Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Washington, 1946.
- NIMUENDAJU, Curt – Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju. Rio de Janeiro, IBGE/PRÓ-MEMÓRIA, 1981.
- POMPEU SOBRINHO, Thomaz – "Índios TREMEMBÉS", in Revista do Instituto do Ceará, LXV. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1951.
- SERAINE, Florival, "SOBRE O TOREM", in Revista do Instituto do Ceará, LXIX. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1955.